



pat

ge



**UDESC - FAED
MEC - SESU**

Ano XI – Nº 102	Primeiro Trimestre de 2018	
	<p>PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL PETGeo INFORMATIVO</p>	

ISSN: 1982-157X

Nessa edição:

Editorial

Por: Gleidso Ribeiro Ferrugem

“Primeiramente, Fora Temer!” foi a principal frase dita ao iniciar algum pronunciamento, festividade ou protesto em meio estudantil e acadêmico em 2017. O bordão decorreu da enorme insatisfação da população frente ao panorama político brasileiro atual. Assim, tendo em vista o Carnaval - uma das festas mais populares do Brasil- que se encerrou nesta semana em que temas políticos também apareceram nos enredos das escolas de samba do Rio de

Janeiro, em especial na campeã Beija Flor e na vice Paraíso do Tuiuti; o PET Geografia não poderia deixar de citar esses eventos no editorial que marca a 102ª edição do informativo e a primeira do ano de 2018. Um ano difícil para a maioria dos brasileiros, que perderam direitos sociais no ano passado e que estão prestes a ter que encarar uma reforma na previdência social, que propõem ainda mais restrições aos trabalhadores. Um ano promissor, pois é

PET Geografia FAED/UDESC

Expediente: dezembro de 2017 a fevereiro de 2018

PETianos: Ana Flávia Pereira, Bárbara Isadora Grando, Bernardo Simon Provedan, Bruno Martins Vieira, Ciro Palo Borges, Gleidso Ribeiro Ferrugem, Ianaê Tadei Martins, Isabella de Carvalho Souza, Marcelo de Araújo, Marco Antonio Catuti, Mário André Corrêa de Faria, Thalita Reis Magalhães.

Tutora: Prof.^a Vera Lucia Nehls Dias.

Edição: Ana Flávia Pereira, Bruno Martins Vieira e Gleidso Ribeiro Ferrugem.

Revisão: Grupo PET-Geografia

Impresso pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fonte Times New Roman.

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: petgeopress@gmail.com

ano de eleições. Um ano de muito trabalho para o grupo PET Geografia da UDESC, que assume aqui novos desafios.

O grupo voltou às atividades no dia 1º de fevereiro com uma reunião de planejamento para o primeiro semestre de 2018. Dentre as diversas reformulações se pode destacar a inserção de novos projetos de extensão como: PET Convida, Memórias Geográficas, CinePET GeoTube e Portas Abertas, além do levantamento de possíveis temas para a próxima pesquisa do grupo.

A Pesquisa coletiva do PETGEO, sobre o município de Governador Celso Ramos, será concluída e lançada através do livro: "Governador Celso Ramos: Dinâmicas e Perspectivas", pela Editora

Insular, ainda no primeiro semestre deste ano.

Neste informativo teremos um artigo que aborda o ensino de geografia, de autoria da egressa Gabriela Bassani Fahl e de Tatiane Fátima Lapinski e, outro sobre Políticas Locais, de autoria de Jaíne Araújo. No relato "De olho no programa" tratou-se da participação do grupo no último ENAPET. Ao final deste documento, como sempre, encontrar-se-á indicações de eventos acadêmicos nas mais diversas áreas de estudo da geografia, em diversas universidades do Brasil e América do Sul, além de indicações de Filme e leitura. Desejamos a todos uma boa leitura.

De Olho no Programa

XXII Encontro Nacional dos Grupos PET – ENAPET 2017

Por: Ana Flávia Pereira e Bruno Martins Vieira

Nos dias 23 a 30 de julho de 2017 ocorreu o XXII Encontro Nacional dos Grupos PET – ENAPET 2017, com o tema “Responsabilidade PETiana: Os incomodados é que mudam”, na Universidade de Brasília (UNB), localizada na cidade de Brasília-DF, organizado por PETianos/as da UNB, engajando cerca de 1300 participantes.

Fizeram-se presentes 14 membros do PET Geografia – UDESC, dentre bolsistas e voluntários. Foram submetidos dois trabalhos, sendo eles Educação Ambiental e

Vestibular Solidário. No decorrer do evento houve participação diversificada dos PETianos/as nos Grupos de Discussão e Trabalho (GDT), para que houvesse maior representação nos diferentes GDT’s, visando fortalecer o programa, emanar a filosofia do grupo o máximo possível e troca de ideias com demais grupos PET.

O dia mais importante do evento ocorreu no 5º Mobiliza PET. Onde os manifestantes/PETianos/as se uniram em prol de melhor comunicação entre o programa e o MEC, uma vez que o respectivo ministério não respondia os e-mails nem interagiu com os representantes do programa, o que impossibilitava interação com membros do programa com o órgão do governo. Ao fim do ato, o MEC entrou em contato com a CENAPET, marcando uma reunião, a fim de tratar de encaminhamentos do programa, tal qual prazo de custeio (ponto mais crítico dentre as ineficiências do ministério) e outros. Sendo assim, o Mobiliza PET foi marcante, tanto pela unificação dos integrantes, quanto por uma perspectiva de melhor interação com o MEC e seus membros.

Nos últimos dias aconteceu a Assembleia Final, que abordou todos os encaminhamentos e sugestões dos GDT’s do evento. No total um dia e meio de duração. Um dos encaminhamentos da Assembleia foi o abandono do cargo do representante do Sul da Diretoria da CENAPET. Sendo assim, por meio de votos e concordância dos presentes, a PETiana Ana Flávia Pereira do PET Geografia da UDESC se propôs a ocupar o cargo. O evento foi engrandecedor para o PET Geografia, uma vez que houve uma ótima integração entre outros grupos e seus respectivos membros.

Políticas Locais

MULHERES NO HIP HOP

Batalha das *mina* existe há um ano e tem causado melhorias no cenário do *rap* da capital

Por: Jaíne Araújo

HIP HOP NA ILHA

Mulheres fazem batalha de *rap* só delas na capital

“Batalha das *mina*, o que significa? Representatividade feminina!”. Esse grito marca o início de mais um encontro de mulheres que fazem *rap* no antigo terminal de ônibus de Florianópolis. Instalar o som, chamar o pessoal para fechar a roda, incentivar o público a dar sugestões de temas para serem rimados: esse é o ritual há pouco mais de um ano, quando iniciou a batalha das *mina* na capital. O movimento surgiu depois que cinco *minas* ouviram um discurso machista em forma de rima na batalha da Alfândega, que também acontece no centro da cidade. Ali, perceberam ali que já tinha passado da



hora de terem um espaço só delas.

Figura 1 - Público presente pode decidir sobre os temas das rimas e sobre a vencedora do duelo entre as MC's.
/ Foto: Jaíne Araújo

As batalhas são de conhecimento. Elas abordam temas escolhidos pelo público e as MC's têm cerca de 30 segundos para desenvolver seus pensamentos em forma de rima. Mas mesmo assim, Suzi Oliveira (23), vulgo Clandestina – uma das primeiras mulheres envolvidas na criação da batalha das minas – diz que muitas pessoas reclamam dos temas tratados, pois estes geralmente dizem respeito à realidade feminina – maternidade, feminismo, representatividade. “Eles não entendem que a gente fala muito sobre isso porque este é o único lugar em que a gente pode falar”, reclama. Apesar dos temas, em sua maioria, serem relacionados às mulheres, elas também falam sobre racismo, mídia, demarcação de terras indígenas, pobreza e muitos outros assuntos.

Uma mudança já pode ser notada no *rap* em Florianópolis: as mulheres estão participando mais das batalhas, inclusive nas mistas – aquelas que envolvem homens e mulheres. “O que eu escutava das pessoas é que *rap* não é lugar pra mulher, que elas só estão ali procurando namorado ou querendo aparecer, mas desde 2014 eu percebo que está mudando”, diz Clandestina. Ela conta que, no início, muitos homens viam a batalha das minas como segregação, mas passaram a entender quando, depois de um ano, a participação delas nas mistas aumentou.

Apesar da apresentação de rimas ser exclusiva das mulheres, a participação de homens no evento não é proibida. Como diz a descrição na página do *Facebook*, “a batalha é um espaço aberto pras manas, monas, manos e mines construir e fortalecerem a cultura da ilha, o *hip hop* e a representatividade de todos, o poder de ocupar as ruas é nosso!”. Clandestina ressalta que o movimento da rua só acontece porque várias pessoas diferentes estão lá filmando, conversando, dançando. Com o objetivo de atrair para a batalha mais pessoas que não rimam, a organização realiza rodas de conversa sobre temas relacionados às mulheres cis e trans, além de oficinas de dança, circo, grafite e bambolê, que acontecem esporadicamente. A batalha é pensada para ser um evento cultural e um lugar de fala e não ‘um simples rolê’.



Figura 2 - Ao som das rimas feitas pelas mulheres, outras pessoas dançam break nos arredores. / Foto: Jaíne Araújo

O grupo tem conexão com mulheres de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Devido à quantidade de mulheres ativas na frente nacional de mulheres do *hip hop*, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina são considerados um único grupo. Clandestina não vê isso com bons olhos. Acha que os grupos das cidades acabam sendo generalizados como uma única coisa.

A batalha das *mina* em Florianópolis reúne mulheres de várias faixas etárias com uma opinião em comum: o *rap* no Brasil ainda dificulta o protagonismo feminino. Vozes de mulheres geralmente aparecem só nos refrões das letras, como se elas não fossem capazes de rimar. Entre as minas, mulheres como Versa, Inseta e Bruja se sentiram à vontade para mostrar sua arte.

VERSA, 19 anos, estudante de Serviço Social

“Graças à internet, à articulação e à união que as mulheres têm entre si, nós estamos conseguindo um espaço maior. A presença feminina muda o ambiente em uma batalha de *rap*. Quando tem mulher na batalha os caras não falam certas coisas porque eles sabem que a gente vai rebater, porque a gente tem argumento e eles sabem que o que eles fazem não é certo. A batalha das *mina* significa muito quando se trata de representatividade feminina. É algo que serve pras pessoas conhecerem a cultura *hip hop*, pararem de ter aquele senso comum que é coisa de vagabundo, de drogado ou bandido. Além disso, contribui para a causa das minas.”

INSETA, 24 anos, autônoma

“*Rap* pra mim é libertação, empoeiramento, compreensão. Nele, as vozes silenciadas dão a sua versão dos fatos, falando por si mesmas. É uma enciclopédia da vida. Tem de tudo, basta estar disposto a escutar. É colocar em jogo as diferenças sem apelar pra preconceitos ou piadas. O *rap* também traz consciência de classe, de espaço, de recorte social. E ele tá aí pra trazer consciência sobre várias paradas. Os caras falam que agora é o momento, que as mulheres se empoeiraram pra falar, mas na verdade a gente sempre falou, sempre tivemos voz. O que não tinha eram ouvidos dispostos a escutar. ”

BRUJA, 32 anos, escritora

“Em resposta à invisibilização, as mulheres estão se armando cada vez mais. Estão saindo daqui pra fazer seu som em outros lugares. O *rap* entrou na minha vida como um veículo pra eu tirar minha poesia do papel e mostrar pras pessoas. Eu já tinha um livro publicado, mas eu não tinha esse calor. Fui desafiada a rimar como essas mulheres e a soltar aquilo que tava dentro de mim sem filtro, porque o improvisado é isso. Teve um dia que rimei com outra irmã sobre maternidade na adolescência e, no fim, a gente nem ouviu a votação, só se abraçou e chorou e isso gera uma empatia, nos leva a pedir perdão quando falamos algo que machuca alguém. Nos ensina a falar e a ouvir. ”

Hip Hop na academia

O *hip hop*, assim como o *funk*, se difundiu no Brasil ainda na década de 1970, nos bailes *black* – encontros de jovens em sua maioria negros e pobres embalados pela *black music* americana -, uma forma de lazer que até então não existia nas periferias dos grandes centros urbanos brasileiros. Foi nesse ambiente, nos anos 80, que a cientista social Angela Souza teve seu primeiro contato com o *hip hop*. O interesse pelo assunto veio refletido na tese de mestrado, na década de 90, quando enfrentou resistência da academia quanto à escolha do tema. Já a tese de doutorado, deu corpo ao livro *A caminhada é longa e o chão tá liso: O movimento hip hop em Florianópolis e Lisboa*.

O *rap* não é simplesmente um movimento artístico, mas um discurso intelectual, segundo a pesquisadora, já que ele aborda os problemas sociais, como racismo, violência, segregação e, no caso das mulheres, o próprio machismo que é extremamente pesado e recorrente. O que é ainda mais perceptível em uma cidade como Florianópolis, onde o

que é mais valorizado são as belezas naturais enquanto os problemas sociais são deixados sob o tapete.

A autora ressalta ainda que a grande renovação do *hip hop* está justamente no protagonismo feminino, porque a relação de gênero acaba causando mudanças no discurso e na prática. “O que as mulheres fazem é exatamente trazer esse olhar, essa discussão a partir do olhar das mulheres, trazendo debates através da música, que é algo que o movimento feminista não consegue fazer, nem sequer na academia,” explica.

O *rap* muda quando começa a se espalhar pela cidade, problemáticas novas passam a ser debatidas. Para a cientista social, batalha das *mina* é um exemplo disso, pois é um espaço militante e artístico determinante no processo de ocupação de lugares de fala; é uma batalha mesmo, um enfrentamento que se dá no âmbito intelectual. E é por isso que a autora defende: “a academia precisa aprender com o *hip hop*, se colocar na humildade que precisa ter. Respeitar esse movimento intelectual que pensa de outras formas: são outros conhecimentos, outras fontes, outras escritas, outras visibilidades que são construídas, e a academia precisa aprender isso ainda hoje.”

Rap à brasileira

O estilo, iniciado no distrito nova-iorquino do Bronx, veio para o Brasil e logo ganhou grande força. Se juntou a outras linguagens artísticas e de expressão das ruas, que juntas formam o *hip hop* - o grafite, o *break* e a discotecagem (DJ), mesmo ainda não tendo corpo de movimento musical. O *Rap* reflete sobre a situação de vida de jovens de classes mais baixas e por isso traz reflexões críticas sobre questões sociais, como o racismo, a desigualdade social, a violência policial contra negros, as drogas, o crime, a falta de perspectivas para essa classe.

Veja na breve linha do tempo abaixo os principais momentos do movimento, enquanto musical, no Brasil.

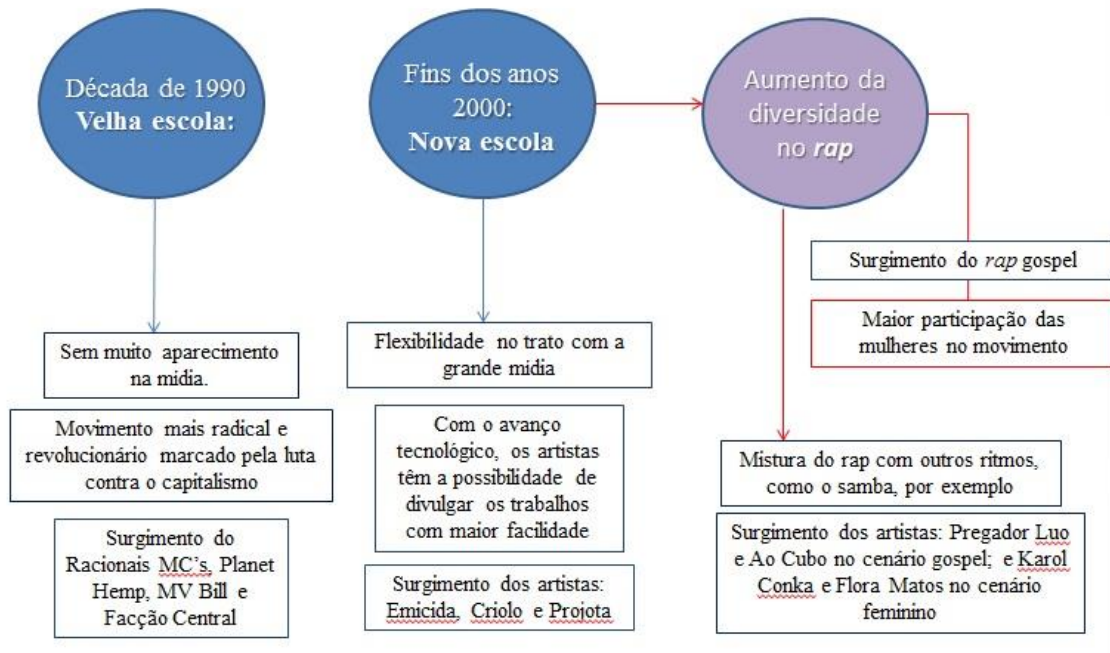


Figura 3 - Fonte: Arte, cultura e política na história do rap nacional, Bráulio Roberto de Castro Loureiro

O significado original da sigla é *Rhyme and Poetry* (Ritmo e Poesia). Já na cena gospel, pode significar *Resgate de Almas Perdidas* pode, ainda, ser traduzido por outros grupos como *Rap*, *Atitude* e *Protesto*. Segundo a pesquisadora Angela Souza, diante de cada contexto em que se insere, o estilo ganha um novo significado, mas não perde sua propriedade intelectual e sua tendência crítica. E não é diferente na batalha das *mina* em Florianópolis. Nesse movimento feito por mulheres, o *rap* está se transformando e ajudando a mudar a própria realidade.

ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

Gabriela Bassani Fahl

Tatiane Fátima Lapinski

INTRODUÇÃO

A educação infantil nos os anos iniciais da escolarização constitui-se em uma etapa fundamental, na qual as crianças descobrem o mundo e desenvolvem a “(...) capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade, compreendendo a relação sociedade-natureza” (BRASIL, 2001, p. 109). Nesse sentido, a geografia assume um papel indispensável para que as crianças adquiram a capacidade de realizar a leitura do mundo. Segundo Callai o papel da geografia nos anos iniciais é o de incutir no educando a capacidade de “ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação de suas necessidades” (2005, p. 228-229).

De acordo com a base nacional comum curricular, estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, sendo que este componente curricular aborda as ações humanas construídas nas diferentes sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, de acordo com a base,

a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem que ganha significado, à medida que, ao observá-la, nota-se a dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2016, p. 311).

Nessa perspectiva, é possível perceber o quanto a geografia contribui para a construção da identidade do indivíduo, como também para um melhor conhecimento e análise do contexto social em que ele está inserido.

Os conceitos fundamentais da geografia, que são: espaço, paisagem, território, lugar e região podem auxiliar o professor no ensino do pensamento geográfico, já que são categorias de análise que aproximam o aluno do objeto de estudo, que é a realidade, a natureza, o mundo.

O objetivo do presente artigo é discutir rapidamente as referidas categorias de análise da Geografia e sua inserção no conteúdo das aulas nos anos iniciais, particularmente da forma que está preconizado pela Base Curricular Nacional aprovada em 2017. Ao final da discussão de cada conceito, sugere-se uma atividade para inserir o conceito no ensino nos anos iniciais, propiciando ao educando uma maior proximidade com a sua realidade e com a geografia.

ESPAÇO

Por meio da geografia é possível ter uma melhor compreensão da realidade. De acordo com os parâmetros Curriculares Nacionais, “o espaço geográfico é historicamente produzido pelo homem, enquanto organiza econômica e socialmente sua sociedade” (BRASIL, 2000, p. 109). Neste sentido, o espaço geográfico deve ser compreendido em sua totalidade, na qual interagem fatores naturais, socioeconômicos e políticos (GIOMETTI, 2012, p. 34).

De acordo com Giometti (2012), no conceito de espaço geográfico está implícita a ideia de articulação entre natureza e sociedade pois esta relação, segundo as autoras, induzem à noção de cidadania.

Suertegaray aponta que “o espaço constitui-se nas maneiras como os homens organizam sua vida e suas formas de produção” (2001, p. 03). Nesta perspectiva, podemos entender o espaço como o local onde os acontecimentos históricos ocorrem. Contudo, ainda segundo a autora, o espaço geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e/ou de território e/ou lugar e/ou ambiente. Devemos reconhecer que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais, pois o espaço geográfico é complexo e uno: paisagens contém territórios, lugares contém ambiente, regiões contém lugares e assim por diante, podendo-se estabelecer, para cada um dos conceitos, todas as conexões possíveis.

Sugestão e atividade para os anos iniciais, focando no 5º ano: perceber o espaço da cidade em que a escola está inserida, correlacionando o consumo do espaço pelos diferentes agentes a partir da sua constituição histórica. Podem ser utilizados elementos como arquitetura, base econômica, hábitos alimentares entre outros para justificar o uso e ocupação espacial, o que é produzido nesse espaço e porquê.

PAISAGEM

Giometti traz o conceito que Paul Vidal de La Blache, geógrafo da escola francesa que privilegiava a paisagem, dá a essa categoria de análise: para ele, paisagem é aquilo que “(...) o olho abarca com o olhar” (2012, p. 36). Entretanto, segundo a autora, para compreender a paisagem é necessário que se aprenda a interpretá-la enquanto categoria de análise, a considerando em um estado de constante transformação, como “um produto social e histórico que retrata as sociedades que a construíram e a constroem” (idem, p. 37) e não pensando nela como uma imagem estática, fixa e pré-determinada.

Dessa forma, a paisagem pode ser definida como um retrato de determinada área, constituída e interpretada historicamente e socialmente; é “a síntese das heranças da relação da sociedade com o espaço” (GIOMETTI, 2012, p. 58). De acordo com Giometti (2012, p. 54) “os alunos devem ser levados a compreender que a geografia como ciência social deve valorizar a ação da sociedade na paisagem”. Para isso, o professor deve observar e interpretar os pontos de partida na metodologia de ensino, colocando o foco no entendimento da paisagem.

Particularmente nos anos iniciais essa categoria pode auxiliar o professor já que a paisagem, ou seja, o que o aluno vê ao seu redor, é uma categoria acessível às crianças dado o baixo grau de abstração necessário para a sua percepção e tendo em vista que os anos iniciais focam na “construção de concepções de análise que estimulem os alunos a desenvolverem a observação, a descrição e a representação da paisagem geográfica” (GIOMETTI, 2012).

Sugestão de atividade para os anos iniciais: propor aos alunos que eles representem em desenho uma paisagem visível da escola. Após o momento de reconhecimento das diferentes percepções dessa paisagem, questionar se ela sempre se apresentou dessa forma, se ela será mantida com o tempo, por que ela será modificada e/ou mantida, quem a modifica e/ou mantém. Essa atividade pode ser reproduzida pelos alunos em casa, sendo requisitado pelo professor que eles reproduzam em desenho a paisagem que vêem pela janela de casa e dialoguem com os familiares e vizinhos sobre a evolução da paisagem na comunidade.

TERRITÓRIO

O território, de acordo com Giometti (2012) caracteriza-se como uma parte concreta do espaço geográfico, na qual se revelam as diferenças de condições ambientais e de vida

da população. Nos PCNs, o “Território não é apenas a configuração política de um Estado-Nação, mas sim o espaço construído pela forma social (BRASIL, 2000, p. 111). Historicamente, a concepção de território relaciona-se à ideia de natureza e sociedade, configuradas por um limite de extensão do poder (SUERTEGARAY, 2001).

Sugestão de atividade para os anos iniciais: propor aos alunos a demarcação territorial da sala de aula ou da escola com fita adesiva colorida. Os alunos devem optar por critérios para estabelecer a divisão de poderes e, a partir dele, qual o espaço de exercício de poder de cada grupo. Posteriormente, analisar as fronteiras do território brasileiro, quais os critérios que dividem os espaços de poder dos diferentes municípios, estados e países.

LUGAR

De acordo com Suertegaray (2001), por muito tempo a geografia considerou o lugar como um conceito operacional passível de ser georreferenciado, ou seja, um ponto que pode, a partir da cartografia, expressar o espaço geográfico na escala local. Recentemente, segundo Giometti (2012), o conceito de lugar passou a ser analisado de forma mais abrangente.

Giometti (2012), aborda duas formas de estudar essa categoria de análise, que também é importante metodologicamente no ensino nos anos iniciais em razão da proximidade dos alunos com o conceito: o lugar e a experiência e o lugar e a singularidade. O lugar e a experiência é caracterizado pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente. Nesse sentido, o lugar é resultado de significados construídos pela experiência. Já na perspectiva de lugar e singularidade, a concepção de lugar possui uma dimensão histórica que está relacionada com a prática cotidiana, sendo o lugar visto como um plano vivido.

Dessa forma, em síntese, podemos entender o lugar como o resultado de significados construídos pela experiência, o sentimento que alguém exprime em relação a um espaço.

Sugestão de atividade para os anos iniciais: propor que os alunos representem em desenho seus lugares de vivência, moradia e escola, identificando semelhanças e diferenças entre as representações dos diferentes alunos buscando as relações sociais estabelecidas, os hábitos, contato com a natureza e modo de viver das pessoas em diferentes lugares (bairros, zonas, apartamento/casa, entre outros).

REGIÃO

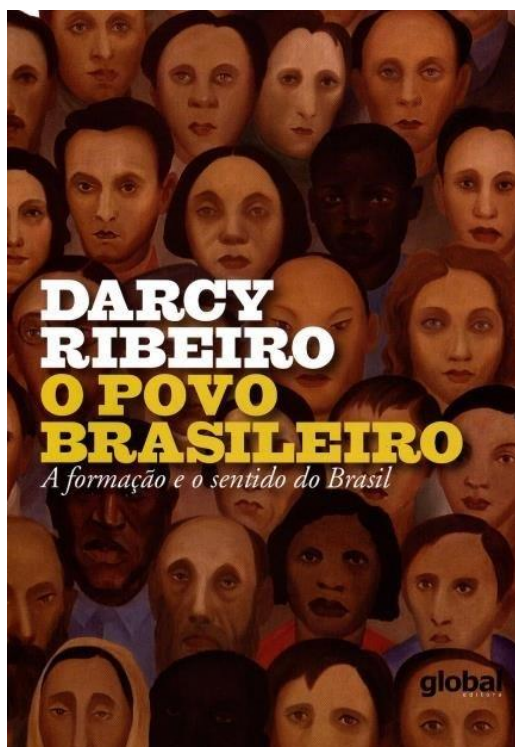
A região constitui-se como uma subdivisão do espaço. Suertegaray (2001, p. 04) afirma que “o processo de regionalização e a região nada mais são do que uma classificação e uma representação a partir de determinados critérios”. Dessa maneira, região é uma área ou espaço que foi dividido obedecendo a um critério específico. As regiões surgem a partir do agrupamento de lugares que possuem características em comum naturais e culturais.

Sugestão de atividade para os anos iniciais: separar os alunos em grupos e propor que cada grupo escolha uma característica para regionalizar o espaço da sala de aula. Após a escolha do tema, cada grupo deve regionalizar o espaço a partir do seu critério, nomeando a região. Por exemplo: pode-se separar a sala entre meninos e meninas. Para isso, o grupo deve colocar os meninos em um lado da sala e as meninas em outro lado. Posteriormente, pode-se fazer placas com o nome das regiões para colocar no limite entre uma região e outra (região dos meninos / região das meninas).

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. 3. ed. Brasília, DF: MEC: SEF, 2001. v. 5.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2016.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, 2005, p. 227-247.
- GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis (org.). **Conteúdos e didática em geografia**. São Paulo: Unesp/Univesp, 2012.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Revista electrónica de geografia y ciencias sociales**, Barcelona, v. 5, n. 79-104, 2001, p. 01-09.

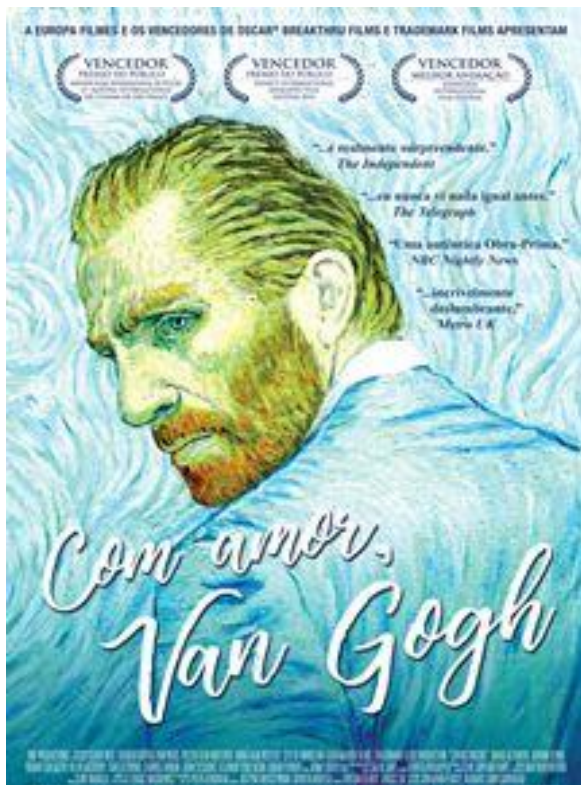
PET Indica



Livro: O Povo Brasileiro – A Formação e o Sentido do Brasil.

Autor: Ribeiro, Darcy.

Descrição: Quem são os brasileiros? Após 30 anos de estudos a respeito de pontos nodais da gênese da sociedade brasileira, Darcy Ribeiro explana, nesta última obra escrita antes de sua morte, suas opiniões e impressões sobre a formação étnica e cultural do povo brasileiro. A luta dos indígenas para manter viva sua cultura, as agruras sofridas pelos povos africanos aqui escravizados, os dramas vivenciados durante o século XX para a constituição da democracia no Brasil foram alguns dos dilemas históricos abordados pelo mestre Darcy em seus livros. A obra "O Povo Brasileiro" configura-se como um ensaio magnânimo de um pensador que expõe, com propriedade e por meio de uma linguagem clara e ao mesmo tempo exuberante, as agonias e os êxitos da formação nacional.



Filme: Com Amor, Van Gogh

Descrição: Investigação aprofundada sobre a vida e a misteriosa morte de Vincent Van Gogh através das suas pinturas e dos personagens que habitam suas telas. Animado com a técnica de pintura a óleo do pintor holandês, os personagens mais próximos são entrevistados e há reconstruções dos acontecimentos que precederam sua morte.

Fonte: AdoroCinema

Eventos

- 2º Seminário de Acessibilidade e Mobilidade Urbana na Perspectiva da Equidade e Inclusão Social – 07 e 08 de março de 2018 – Brasília, Distrito Federal – Brasil.
- I Seminário Latinoamericano sobre Cidades, Território e Memória – 08 a 10 de março de 2018 – Brasília, Distrito Federal – Brasil.
- Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infâncias e II Encontro Intermediário do Grupo de Trabalho Geografia nos Anos Iniciais, Educação Infantil e EJA – 26 a 28 de março de 2018 – Brasília, Distrito Federal – Brasil.
- Curso de Actualización para Docentes en Gestión de Instrumentos Base Suelo de Financiamiento para el Desarrollo Urbano en América Latina (Curso de Atualização para Docentes em Gestão de Instrumentos Básicos de Solo de Financiamento para o Desenvolvimento Urbano na América Latina) – 07 a 11 de maio de 2018 – Lima, Peru.
- XIV Seminário de Estudos Urbanos e Regionais e III Colóquio sobre Cidade e Cidadania – 09 a 11 de maio de 2018 – Pelotas, Rio Grande do Sul – Brasil.
- IX Simpósio Brasileiro de Educação em Solos “Geografia de luta e resistência: a busca por um pensamento crítico na formação do geógrafo” – 15 a 18 de maio de 2018 – Dois Vizinhos, Paraná – Brasil.
- XXIII Encontro Nacional de Estudantes de Geografia – 30 de maio a 03 de junho de 2018 – Salvador, Bahia – Brasil.
- IV Workshop Nacional de Meio Ambiente e Sustentabilidade nos Territórios Semiáridos – 04 a 08 de junho de 2018 – Petrolina, Pernambuco – Brasil.
- 8º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária “Extensão e sociedade: contextos e potencialidades” – 28 a 30 de junho de 2018 – Natal, Rio Grande do Norte – Brasil.
- X Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares e I Encontro Internacional de Cartografia Escolar e Pensamento Espacial “As diferentes linguagens do mundo contemporâneo” – 09 a 12 de julho de 2018 – São Paulo, capital – Brasil.